

A FLEXÃO EM JOSÉ PAULO PAES: (RE)VITALIZANDO O CONCEITO

Maria Teresa Gonçalves Pereira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: *A sensibilidade e a visão de mundo de José Paulo Paes refletem-se em seus textos através do uso instigante do material lingüístico disponível e permanente diálogo com o leitor, desdobrando-se em sucessivas situações de ludismo verbal. As imagens insólitas, as sonoridades expressivas, as (trans)formações das palavras, as construções refinadas, enfim, o artesanal imbricamento de recursos lingüísticos variados fazem de sua poesia leitura fluida e prazerosa. Dentre tantos exemplos possíveis, escolheu-se a flexão para comprovação da abordagem inovadora da língua em José Paulo Paes, dentro do que o sistema lhe faculta, sem a sujeição ao consagrado.*

Palavras-chave: *texto, gramática, flexão*

Abstract: *Jose Paulo Paes' sensibility and perspectives upon the world are markedly present in his texts by means of the exciting linguistic material available and permanent dialogue with the readers. Thus, his sensibility and perspectives are revealed in successive situations of verbal play. Unusual imagery, expressive sound work, (trans)formations of words, refined constructions and handmade interweaving of several linguistic resources make his poetry flowing and pleasurable. Among so many possible examples, we have the inflection to prove the innovative approach of language in Jose Paulo Paes, within what the system provides him with, without being subjected to the consacrated.*

Key words: *text, grammar, inflection*

O fazer literário em José Paulo Paes manifesta-se no campo fonológico, morfológico, sintático e semântico. A palavra é manipulada com mestria, assumindo a forma pretendida pelo talento do autor, submetendo-se docilmente e gerando as variações infinitas no jogo verbal que encanta e seduz.

A disposição dos versos, os recursos gráficos, as palavras, os morfemas, os fonemas, tudo é instrumento de poeticidade. Os constituintes formais não se limitam à exclusividade do significante ou componentes semânticos e mórficos já que o autor explora recursos em potencial para intensificar a linguagem expressiva.

Das palavras e das suas relações surgem possibilidades originalíssimas. Os recursos passam por diferentes caminhos, chegando sempre a resultados instigantes para os leitores, especialistas em análises lingüísticas, ou simplesmente apreciadores de uma leitura que lhes proporcione prazer e deleite. Na organização textual fica patente o desejo do autor em elaborar textos que reflitam a ludicidade do discurso em níveis variados.

A linguagem coloquial é usada concomitantemente à culta, uma não ofuscando a outra, ambas servindo de suporte ao poético. A gíria renova-se tanto como os clichês, revitalizados em construções e textos inovadores, reservando lugar destacado para as parlendas, textos oriundos da cultura popular, sem a preocupação com formalismos e regras. Os textos dialogam entre si, numa polifonia de épocas e lugares revisitados pelo poeta.

Na tessitura do texto, as palavras prestam-se a comparações, a decodificações, a repetições, a inversões baseadas e sustentadas sempre por evocações latentes ou contextuais nas quais estão presentes num mesmo ambiente até as palavras relacionais, como, por exemplo, as preposições, assumindo papel fundamental para a dinamicidade do texto.

Fica-nos a impressão de que cada vocábulo é selecionado e explorado para que se obtenha o melhor efeito, nunca deixando de lado a simplicidade e a clareza, marcas registradas do autor, mesmo nas inversões e imagens ou nas omissões de palavras, incentivando o leitor a lidar também com a própria dificuldade que impõem. Há, entretanto, compreensão porque os recursos são manipulados na medida certa, não só da sensibilidade, mas dos limites.

O ludismo verbal presentifica-se em toda a sua obra, não havendo dificuldade para detectá-lo. É produtivo e constante. Torna-se quase impossível ler José Paulo Paes sem que fique evidenciado esse jogo permanente com as palavras em suas variadas instâncias.

A visualização do fato lingüístico é mais eficiente do que qualquer teoria.

O L é uma letra louca
Transforma a nota mi em 1000
e faz a uva andar de luva,
cabra descobriu o Brasil
(ULPO)

José Paulo Paes trabalha as palavras em todas as suas potencialidades, quase sempre misturando os recursos quanto a significantes, sons e constituintes formais, ou significados, a forma das palavras construídas graficamente por suas letras. A ambigüidade também ajuda na produção de novos sentidos, criando um ambiente favorável para que se processe no leitor as impressões sugeridas pelo texto. No caso, *mi* pode ser a nota musical ou papel que representa dinheiro. A transformação de um significado em outro é possível através da letra L: *mi* → 1000. Há mudanças inesperadas como uma *uva* estar usando *luva* e uma *cabra* descobrir o Brasil, proporcionadas pela *loucura* da letra L; o autor passa do *nonsense* para a realidade pela sugestão do fato histórico, mesclando elementos do fantástico, da realidade e do humor. As modificações são relevantes, principalmente em *cabra descobrir o Brasil*. A distância entre o animal *cabra* e o nome do descobridor do Brasil *Cabral* é imensa, só sendo possível transpô-la pelo jogo mágico com as letras, no caso específico o L. Aparentemente, um recurso simples provoca possibilidades infinitas, mas que prendem a atenção do leitor, aguçando sua percepção.

Em *Raridade*, acontece a mistura entre recursos lingüísticos na forma criada pelo autor com a finalidade de nomear o animal em extinção *arara*. Na elaboração, forma-se um neologismo acentuado pela fragmentação da palavra em seus constituintes fônicos, aparecendo uma palavra onomatopaica, a voz do animal. A sonoridade traduz o som e representa semanticamente a mensagem do poema, remetendo para o título *Raridade*. Lembra o futuro desaparecimento da ave “arara”, agora adequadamente chamada de *arrara*.

Raridade
A arara
é uma ave rara
pois o homem não pára
de caçá-la
para pôr na sala
em cima de um poleiro

onde ela fica o dia inteiro
fazendo escarcéu
porque já não pode
voar pelo céu.

E se o homem não pára
de caçar arara
hoje uma ave rara,
ou a arara some
ou então muda seu nome
para arrara.

(OOB)

Além do recurso neológico observado, salientemos também as possibilidades sonoras que as rimas *caçá-la/na sala* sugerem, assim como *céu* estar contido na palavra *escarcéu*.

Preferimos mostrar o ludismo verbal como recurso marcante do texto de José Paulo Paes antes de nos determos na ocorrência selecionada para falar da (re)vitalização da flexão, ou melhor, da sua abordagem inusitada. Sem dúvida, é um das manifestações desse jogo com as palavras que permeia a obra do autor em questão.

No poema seguinte, verificamos a novidade na forma *bem-te-via*, aproveitando-se o sistema flexional dos verbos para a elaboração de novo vocábulo.

Correção

Como dizia
Aquele bem-te-vi que ficou míope:
“bem te via ... bem te via ...”

(EIA)

O processo de flexão faz variar o vocábulo para a expressão de categorias gramaticais, agregando-se à base elementos indicadores de gênero, número, modo, tempo e pessoa. Os morfemas (desinências) flexionais, a princípio, não propiciam a criação de vocábulos, como acontece com os derivacionais e lexicais, entretanto, tornam os vocábulos sujeitos a variações, adaptando as palavras às concordâncias necessárias.

Na construção de enunciadas são utilizados elementos que retratam a realidade sob perspectiva dinâmica, representada geralmente pelo verbo, articulando os fatos cineticamente. Para esse retrato, as flexões de tempo e modo assumem valores evocatórios, importantes para a semântica textual. A relatividade das regras confere ao enunciado várias possibilidades de escolha para a expressão das informações categoriais tratadas acima, trazendo ao texto mensagens subliminares. A enálage, ou emprego de um tempo verbal por outro, acontece em situações de registro coloquial ou em textos literários para gerar maior expressividade.

A escolha do tempo e modo verbais possibilita conotações inovadoras. Mesmo não havendo mudança no conteúdo, existem diferenças quanto aos propósitos ou sentidos do emissor, marcando também volições, estados emotivos e interesses implícitos. No referido poema, a forma verbal *via* funciona para descrever o que acontecia e não acontece mais em oposição a *vi*, empregada anteriormente, representando ação habitual e estado atual, ocorrendo no instante em que se fala, mesmo no passado.

No pretérito imperfeito do indicativo, fatores diversos intervêm e o ato representado carrega-se de imprecisão quanto ao término do processo verbal.

A representatividade da flexão verbal foi empregada para evocar os valores que gramaticalmente refletem, transpondo-os para a realidade semântica das formas. O contraste entre os tempos, a objetividade e precisão do pretérito perfeito ou a incerteza do imperfeito são transmitidas ao sentido do texto. Antes, a clareza da visão e, depois, devido à miopia, a dúvida no enxergar.

Além da exploração semântico-expressiva dos verbos, é relevante a inovação no processo de criação de vocábulos. Da forma composta existente *bem-te-vi*, nome de um pássaro, por isso mesmo, considerado como uma totalidade de sentido, criou-se *bem te via*, aparentemente um enunciado comunicativo com três formas livres, desconectadas umas das outras pela supressão do hífen, além da alteração (tempo) na flexão verbal.

A nova formação, embora perdendo o hífen característico dos compostos que não se juntam formalmente, apresenta a impossibilidade de inserção de elementos modificadores entre os elementos, permanecendo o caráter único do significado do composto, mesmo os componentes conservando as relações gramaticais características da classe a que pertencem.

A unidade não foi criada segundo os padrões mais usuais e produtivos do português, mostrando que a decantada rigidez do sistema lingüístico é passível de inovação, quando submetida ao talento de autores que dominam normas e por isso mesmo, detêm o poder, com a liberdade de transgredi-lo. Os movimentos do poema são inusitados, construindo efeitos expressivos nos processos de criação vocabular, irradiando-se para âmbitos semânticos maiores.

Assim, revitaliza-se o conceito de flexão (verbal), permitindo uma reflexão séria, mas aberta às possibilidades engendradas pelo sistema lingüístico, manipulado pelo gênio de quem efetivamente aborda a língua numa perspectiva criativa, respeitando-lhe, porém, as idiossincrasias.

O jogo de palavras em José Paulo Paes instiga a inteligência, mostrando constantes e novas possibilidades do vir-a-ser lingüístico. Ao interagir com o leitor, oferece-lhe também um texto de excelência, levando-o à construção de diferentes sentidos, muito mais plenos do que aqueles proporcionados por uma linguagem correta, mas convencional.

Assim, os caminhos a que as manifestações da Língua Portuguesa podem conduzir são infinitos, guiados pelo talento e a inventiva de José Paulo Paes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Laila Maria Handam. *Manifestações do ludismo verbal em José Paulo Paes*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. (Orientação: Maria Teresa Gonçalves Pereira). UERJ, 2000

PAES, José Paulo. *É isso ali*. 10ª ed. Rio de Janeiro. Salamandra. 1993

----- . *Olha o bicho*. 9ª ed. São Paulo. Ática, 1997

----- . *Uma letra puxa outra*. 7ª reimpressão. São Paulo. Cia. das Letras, 1998